

5. Conclusão

Após as pesquisas realizadas neste dissertação, na qual se enfocou o tema da luz no Evangelho de João e seu provável relacionamento com o pensamento dos homens de Qumran, podemos chegar a conclusão de que, quando o autor do Quarto Evangelho coloca nos lábios de Jesus a autodenominação, que é uma auto-revelação, de que Ele é "a luz do mundo" (Jo 8,12a), ele não está sob o influxo integral do pensamento helenístico, ou do gnosticismo, embora seja uma realidade o fato da influência grega no mundo da Palestina daquela época. Mas, o solo da tradição cristológica que predomina os escritos de João, podemos assim dizer, é a própria tradição judaica, atestada por diversas passagens no Antigo Testamento³⁵², assim como no Judaísmo³⁵³.

³⁵² No AT, vemos que Deus é o soberano Senhor da luz e das trevas (cf. Am 5,8.18.20), sendo ele mesmo quem fez a luz, em sua ação criadora (cf. Gn 1,3; Is 45,7). Em todas as teofanias, sempre brilha a luz da glória de Deus; tão forte ela se manifesta que inunda o rosto de Moisés, impedindo-o de olhá-lo diretamente (cf. Ex 34,30). A luz é, ainda, Yahweh em ação mundo (cf. Sl 44,3-4; Is 9,1; 60,1-3). A sabedoria de Deus é o reflexo de sua luz (cf. Sb 7,26). Deus é luz de Israel e dos israelitas (cf. Is 10,17; Sl 27,1; Is 60,19-20). De igual modo, a Torá ilumina os olhos, os pés e o caminho (Cf. Sl 19,9; 119,105). Os justos, na eternidade, brilharão como estrelas (cf. Dn 12,3; Sb 3,7). O Servo é designado por Deus para ser "luz das nações" (Is 42,6; 49,6). O texto de Zc 14,7 parece ainda ter influenciado o autor do 4º Evangelho na composição de Jo 8,12a. Podemos mais uma vez notar o eco de Jó 33,28.30, do Sl 36,10 (LXX 35,10) e de Is 60,19. A imagem de Deus na luz, em I Jo 1, 7, representa uma mudança cuja imagem tem melhores paralelos bíblicos, como Sl 104,2; Dn 2,22 e Is 2,5. Notemos, ainda, que na celebração da festa das Tendões, como aquelas que tinham se desenvolvido no tempo de Jesus, acontecia o ritual dos candelabros acesos, que lembravam a imagem da coluna de fogo que guiou os israelitas pelo deserto (cf. Ex 13,21-22; Sl 78,14; 105,39). Cf. CONZELMANN, Φως, in KITTEL, G., *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. III, p. 319-320; BROWN, R. E. *The Epistles of John*, p.228; MORENO-GARCIA, A., *El Cuarto Evangelio - Aspectos Teológicos*, p. 159.

³⁵³ Na literatura judaica, a luz, freqüentemente, acompanha as teofanias e é um símbolo de instrução divina; mas também é usada no sentido messiânico - a luz brilha sobre o Messias e é dada sobre os justos por ele. O nome do Messias é "Luz".³⁵³ Quanto à expressão "luz do mundo" ou "lâmpada do mundo", há múltiplos empregos, aplicando-se à Torá, ao Templo, a Jerusalém, a Israel, assim como às pessoas, especialmente Adão, um mestre da Lei e, sobretudo, a Deus. Na literatura rabínica, luz é o brilho do mundo, é salvação e sabedoria. Em consequência, luz e trevas têm qualidades morais. "Luz do mundo" é usado por Deus em Nu. r., 15,5. Os trabalhos dos justos são luz (cf. Gn. r. 1,3; 2,5) e o espírito do homem é luz e lâmpada de Deus (cf. Pesit.r., 8,29a). Na Apocalíptica, o termo adquire um significado escatológico, onde os eleitos estarão na luz da vida eterna (cf. Henoc 58,3). Cf. CONZELMANN, op. cit., p. 323-324.327; BROWN, R. E, op. cit., p. 228.

Quando comparamos os escritos de João, de modo particular o seu Evangelho, com a auto-revelação de Jesus de ser Ele mesmo a realização dos anseios judaicos por luz (cf. 8,12), remetemo-nos aos escritos de Qumran, tão característicos neste modo de pensar³⁵⁴. Já no Prólogo do Evangelho de João, encontramos paralelos com os textos de Qumran, sobretudo à *Regra da Comunidade*, quando ele se refere a Deus criador e à sabedoria manifestada na criação, uma vez que tudo existe e acontece porque Deus assim o ordenou (cf. Jo 1,3)³⁵⁵. O 4º Evangelho aplica, ainda, as designações qumrânicas de "anjo/príncipe da luz" e "espírito de verdade" (que conduz os filhos da luz) a Jesus, "luz do mundo" e "verdade" e ao Paráclito, "Espírito de verdade" Fala, ainda, de "a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam" (1,5;12,35-36) e "Por pouco tempo a luz está entre vós. Caminhai enquanto tendes luz, para que as trevas não vos apreendam: quem caminha nas trevas não sabe para onde vai! Enquanto tendes a luz, crede na luz, para vos tornardes filhos da luz"³⁵⁶.

³⁵⁴ O pensamento dualista nos escritos do Mar Morto se expressa em metáforas e imagens, como a oposição entre luz e trevas (conforme aquelas abordadas por João). Esse dualismo divide a história entre "bons" e "maus", os "filhos da luz" e os "filhos das trevas" (cf. 1QS 3, 15-4, 1; TQ, 49). Os essênios de Qumran são filhos da luz. (cf. 1QS 11,3) e o bom espírito que guia suas vidas é chamado de "o Príncipe da Luz" entre outros títulos, enquanto que o mau espírito que luta contra eles é o "anjo das trevas". As duas possibilidades da existência humana são definidas como vida eterna na luz eterna ou perdição eterna (cf. 1 QS 4,7; 1QM 1,1), ou seja, os homens caminham seguindo um desses espíritos de luz ou de trevas. (1QS 3,20-21). Encontramos "luz da vida" em 1QS 3,7 (porém, "vida" não é o conceito central de salvação). A teologia geral de Qumran é, portanto, baseada no fato de que as pessoas atuam de acordo com um princípio que compreende luz/verdade versus trevas/iniquidade/falsidade. Cf. ALLEGUE, J. V. *Los Hijos de La Luz e Los Hijos de Las Tinieblas*, p.311-322; MARTÍNEZ, F. G.; BARRERA, J. T. *Os Homens de Qumran - Literatura, estrutura e concepções religiosas*, p. 266.

³⁵⁵ "Por seu conhecimento existirá tudo, e tudo o que existe é ele quem o assenta com seus cálculos, e nada se faz fora dele" (1QS 11,11; TQ, 61). E em outros textos hínicos: "Em tua sabedoria es[tabeleceste ...] eterno; antes de criá-los conheces todas as suas obras para todo o sempre. [...] [Sem ti] nada é feito, e nada é conhecido sem teu beneplácito." (1Q^hadayot^a 9,7-8; TQ, 372). Cf. MARTÍNEZ, F. G.; BARRERA, J. T., op. cit., p. 267.

³⁵⁶ Em 1QS 3,17-21 temos: "Todos os filhos dos justos estão sob a regra do príncipe da luz e andam no caminho da luz, mas todos os filhos dos iníquos estão sob a regra do anjo das trevas e andam no caminho das trevas". Toda a cena compartilha um número considerável de temas com 1 Jo 1,5-2,2: os dualismos luz/trevas, verdade/perversão, andar na luz e não em trevas; o príncipe da luz que capacita os filhos dos justos a andar na luz; a relação da verdade com a luz; e a claridade do pecado. Cf. BROWN, R. E., *The Epistles of John*, p. 228.242; MARTÍNEZ, F. G.; BARRERA, J. T. *Os Homens de Qumran*, p. 266-268.

Vemos, então, que o dualismo ético e escatológico expresso em João através da oposição luz-trevas (cf. Jo 1,4-5; 3,19; 12,35; 1Jo 1,5-6) e verdade-mentira (cf. Jo 3,21; 8,44; 1Jo 2,21.27; 4,6) encontra melhores paralelos no dualismo ético de Qumran do que no *Corpus Herméticum* ou em outra forma de pensamento da época, como defendia Bultmann, Dodd e outros³⁵⁷. De fato, como também observou Schnackenburg, a forma dualista de pensamento e de expressão presente na literatura de Qumran, e a sua linguagem, marcada pela consciência da eleição, da revelação divina e da proximidade de Deus, estão presentes nos escritos de João. O significado do Espírito divino e a aspiração ao mundo celestial, entre outros fatores, parecem conferir à comunidade de Qumran uma afinidade bastante estreita com os círculos que, pela linguagem, podem conjecturar sob a literatura joanina. No que se refere ao dualismo luz/trevas, as passagens joaninas que apresentam mais fortes reminiscências qumrânicas são: Jo 1,5; 3,19ss; 8,12; 12,35s.46; 1Jo 1,5s; 2,8-11³⁵⁸.

³⁵⁷ Cf. MARTÍNEZ, F. G.; BARRERA, J. T., op. cit., p. 266.

³⁵⁸ No entanto, não há nenhum paralelo, na literatura de Qumran, com relação ao contraste "morte"/"vida", que domina o pensamento joanino. Quanto aos contrastes joaninos "abaixo"/"em cima", "Deus"/"este mundo", estão presentes em Qumran, embora não mais desenvolvidos do que no resto da literatura do Judaísmo tardio. Cf. SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio Según San Juan I*, p. 157-162. Para um confronto entre o Evangelho de João e a *Regra da Comunidade* de Qumran, ver DETRO, A.; PESCE, M., *Um Confronto Di Sistemi. Il Vangelo Di Giovanni E La Regola Comunità Di Qumran*, p.82-107.